

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

1290

UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013

COMPETE
2020
PROGRAMA OPERACIONAL COMERCIO E INOVAÇÃO

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO

Hugo Pinto

O papel das Instituições de Ensino Superior (IES) mudou significativamente nas últimas décadas. À visão centrada essencialmente na qualificação do trabalho e na produção de novo conhecimento, as IES conferiram centralidade à chamada transferência de conhecimento, privilegiando a ligação ao tecido empresarial e à inovação. Esta foi estimulada essencialmente com recurso à utilização de mecanismos de propriedade industrial (em particular patentes), reforçando o apoio ao empreendedorismo académico e a uma cultura organizacional virada para a obtenção de receitas próprias com prestações de serviços e obtenção de contratos de investigação.

Portugal teve uma entrada tardia, mas não ficou afastado desta tendência, mimetizando práticas e modelos institucionais de outros contextos, nomeadamente dos Estados Unidos da América. Esta visão de transferência, baseada na comercialização e valorização económica da ciência, não tem ficado isenta de críticas. Várias propostas mais alargadas do papel das IES têm sido veiculadas – ainda que com uma expressão limitada – para a animação dos sistemas de inovação, a geração de lógicas de inovação aberta que ativem a apropriação coletiva dos benefícios do conhecimento, ou o reforço da dimensão cívica, com a promoção de cidadania e liderança. O pós-pandemia será caracterizado certamente por um conjunto complexo de desafios às IES, quer nas suas funções mais tradicionais de Educação e Investigação quer na transferência de conhecimento.

A pressão sobre os orçamentos públicos vai comprimir ainda mais as disponibilidades das IES. É plausível que estas se centrem em domínios de I&D e Ensino considerados mais vendáveis. É necessário antecipar problemas entre a apropriação privada e o acesso público a terapêuticas e vacinas que se venham a desenvolver com o apoio das IES e de investimentos públicos.

Por outro lado, o espectro da pandemia vai provocar uma canalização excessiva de recursos para a investigação nas ciências biomédicas – atualmente daquelas em que o investimento é já mais significativo – criando distorções e barreiras à produção e transferência de novo conhecimento em muitos outros domínios. É provável que atividades de apoio sistémico – como as desenvolvidas por entidades intermediárias como gabinetes de transferência – venham a ser fortemente afetadas, eram já caracterizadas por um enquadramento institucional precário, com impactos difíceis de mensurar.

É, portanto, fundamental dotar as IES de capacidade financeira para manterem a sua missão e estruturarem de forma planificada e com uma visão de longo prazo as suas linhas de interação com a sociedade, incluindo a ligação desejável com o tecido produtivo, social e cultural local, mas também com redes internacionais, para que a sua vocação universalista não fique refém de desígnios de desenvolvimento regional ou dependências de trajetória da especialização produtiva.